

# A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERARIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Séde provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número aviso \$30

## ACÇÃO RECONSTRUTIVA

No quadrado da nossa página central do número passado, dizíamos:

**Reclamações operárias** — No movimento operário português está-se notando um ressurgir de actividades anárquicas. De vários lados nos chegam notícias da acção desenvolvida por vários sindicatos, procurando evitar que se percam algumas das regalias que o operariado português disfruta. Notamos, ainda, a preocupação pela reivindicação de novas medidas, com o intuito de levar o operariado a opôr-se ao avanço, do mal que nos atinge na nossa situação económica.

E' bom que assim revelemos o nosso interesse pelos nossos assuntos.

O que, porém, faltava a essa actividade é uma maior unidade táctica, unidade que deve conseguir-se por um entendimento regular entre os vários organismos operários dispersos pelo país e os órgãos de coordenação: Federações, Camaras Sindicais e Central.

E' necessário, sem perda de tempo, que se estabeleça essa maior unidade, devendo começar as Federações e as Camaras Sindicais por levar a sua acção coordenadora o mais longe possível e os sindicatos operários por corresponder, prontamente, aos esforços que, naturalmente, lhes serão exigidos pela natureza das suas funções.

Com efeito, nada mais oportuno do que o que está sinteticamente exposto: a unidade táctica que resulta do entendimento de toda a organização sindical.

O nosso movimento, em Portugal, à parte as directrizes ideológicas consignadas nas resoluções dos Congressos nacionais e internacionais da A. I. T., sofreu sempre, mais ou menos, da falta de visão de conjunto quanto a certas regalias e reclamações de carácter geral.

Todavia, necessário é também frizar, essa visão, embora com certa morosidade, determinada pelo analfabetismo, ia-se acentuando à maneira que as massas se iam integrando no espírito da Central, pelas relações permanentes e activas que os Sindicatos iam adensando com os seus organismos federativos.

Acontecimentos reflexos posteriores levaram a organização sindical a certo abandono da acção e muitas das regalias noutras tempos conquistadas pelo proletariado desapareceram, crescendo assim o mal-estar económico que ora se atravessa.

Presentemente está-se assistindo ao ressurgir de novas energias, novas vontades se estão apresentando, enquanto que, por outro lado, as esmagadoras necessidades impulsionam as próprias massas trabalhadoras.

Sente-se o desejo de se sair do letargo que tantas e tão esperançosas energias tem adormecido. São os organismos e as próprias massas a mover-se, mas parece que ainda timidamente, como quem procura apoio no vácuo...

Não obstante — é necessário dizer — esse ponto de apoio existe! Reside nos próprios organismos sindicais federativos. Se os trabalhadores, individualmente, se apoiam uns aos outros pelos laços de solidariedade que os une nos sindicatos — os sindicatos encontram o seu ponto de apoio nas Uniões, Câmaras e Federações de Indústria, como estas encontram o seu ponto de apoio na Central, etc.

Há organismos que se movimentam sem terem em linha de conta as condições gerais da indústria de que são componentes — isto, sob ponto de vista operário. E assim resulta que esses movimentos, com tanto esforço gasto, resultam improfícuos. O mesmo se dá com certos movimentos em relação às condições económicas sociais da localidade onde esses movimentos se produzem.

São anomalias — e não pequenas, valha a verdade... Pois todas estas anomalias desaparecerão à maneira que os sindicatos se vão integrando.

(Continua na 6.ª página)

NA BELGICA  
Uma ideia que devia servir-dos de estímulo

Constituiu-se em Bruxelas um grupo de estudos sociais de que fazem parte, entre outros, Ernestan, Hem Day, Lazarevitch e P. Mahni, que se propõe estudar em comum os problemas fundamentais que mais interessam ao proletariado.

O programa elaborado comprehende os seguintes problemas:

Questões de actualidade: (os anarquistas e os sindicatos; a crise económica; a racialização; as ameaças de guerra; o valor social dos movimentos nacionalistas, etc.);

Questões doutrinárias: (marxismo e anarquismo; a revolução e o seu valor; síntese da anarquia, etc.);

Questões de cultura: (o problema escolar; cultura proletária; a arte nas suas relações com o movimento social, etc.);

Questões de tática: (ditadura do proletariado; responsabilidade colectiva; terrorismo espontâneo e acção directa reflectida, etc.).

Liberdade, igualdade, fraternidade já não são o que eram no tempo da extinta guilhotina. Os políticos obstinam-se em não o compreender e é por isso que eu os desprezo. Querem éles revoluções só de superfície, de ordem política. Banalidades tudo isso. O que importa é a revolta do espírito humano.

Henrique Ibsen

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

## PREÇO DO CARVÃO



Nos últimos dez anos morreram de desastre, na América do Norte, 30.000 mineiros

## PARADOXOS

Nem todos falaram

Aquela campanha do grande órgão deu-nos a impressão de tambor rufado por saltimbanco. A primeira vista parece não ter saltado ninguém à chamada, parece ter desposto toda a gente, tal a diversidade de temperamentos, qualidades e ciência dos depoentes. Foi dada a palavra do mesmo modo aos biliosos, tifáticos e sanguíneos, como aos sifilíticos, cardíacos, asmáticos, crónicos e não crónicos, e, até, aos próprios tuberculosos. Falaram médicos, ex-deputados, ministros, crónicos e não crónicos, comerciantes, proprietários e, simplesmente, vadios. Não faltou o «constante leitor» como não faltou, enquanto a campanha viveu, a constante asneira. Os alvires e as ideias choveram quase na razão directa do crescimento dos tuberculosos. E dizemos quase porque aqueles afinal excederam em muito, apesar de tudo, o número destes. Mas a campanha chegou a ter fóros de sensacional no coração de oiro da honesta grande Imprensa. Atingiu o seu auge na altura em que um senhor, certamente bem jantado e aficionado, dizia, num depoimento que deve um dia envergonhar um seu neto inteligente, que o problema da assistência aos tuberculosos seria resolvido desde que se fizéssem touradas, com touros de morte, em Vila Franca de Xira! Depois tudo passou. O tambor, prudente e inocente, deixou de rufar, para não perturbar o sono digestivo do bom burguês. E nada de novo apareceu debaixo do sol — a não ser mais um ou outro bacilo. Mas, tanto monta, Talvez mesmo que éle, o bom burguês, à imitação do velho enfermeiro Bernardo que só acreditaria nos microrganismos desde que lhos apresentasse do tamanho de percevejos, não creia no bacilo, ou só o aceite quando lho mostrarem do tamanho de uma operação bancária.

Quando num país determinada moléstia toma um carácter endémico, o Estado costuma, para combater a epidemia com êxito e eficiência, assehnorear-se das instituições particulares, que tratem da doença em curso, operando nelas uma amplificação e aperfeiçoamento concernente com a necessidade do ataque ao mal, ou, pelo menos, subsidiá-las, com fundos que se vejam, trabalhando, por seu lado, na criação de hospícios onde albergue as vítimas, recrutando médicos e tudo o necessário para as salvar, livrando-nos ao mesmo tempo, isolando-as, do seu contágio, querer dizer evitando a propagação da doença.

Isto não é uma ideia nova. E' uma coisa que se tem feito lá fóra, em muitos países, onde apesar de tudo, impõe, pouco mais ou menos, a mesma ordem coisas de cá e onde ainda ninguém se lembra de criar um séto anti-tuberculoso. Cá, jô por onde se começou. Quere dizer, não foi bem pelo séto que começaram. Verdadeiramente, começaram por criar tuberculosos. Depois é que veio o sélo. E isto porque quanto a sanitários, continuam os mesmos; porque quanto à situação económica do operário, jonte única da tuberculose, continua a mesma; porque quanto à crise de trabalho de que sofrem os operários, contidua a mesma, e etc., etc., etc., como diz o personagem na zarzuela célebre.

Por isso nos quere parecer, salvo mais acabada opinião, que, neste inquérito, nem toda a gente depõs. E que muito acima dos depoimentos dessa legião de estalhos e sáquios melhor estaria a resposta de qualquer economista.

João Bravo

# SCIENCIA E REFORMA SOCIAL

por E. MALATESTA

As grandes descobertas científicas do século XIX e a crítica vitoriosa que a ciência opôs às mentiras e erros das religiões fizaram com que os espíritos progressivos se tornassem admiradores entusiásticos, se não cultores intelectuais e pacientes da Ciência, e exagerando, atribuissem à Ciência o poder de tudo compreender e tudo resolver; da Ciência fizeram uma Religião.

E os reformadores sociais de todas as espécies, isto é, todos os que com um fim qualquer e por qualquer meio pretendiam modificar a actual organização social, julgaram-se na obrigação de basear na Ciência as suas aspirações; ao passo que do outro lado os conservadores, que não viram que a fé religiosa vacilava e já não bastava para manter o povo sujeito, procuraram também justificar com a ciência o regime vigente.

Foi uma verdadeira embriaguez (não disipada ainda), que fez perder o conceito claro da natureza, métodos e alcance da Ciência, em inteiro prejuízo da verdade científica e da ação social.

Ninguém ou quasi ninguém se salvou; e se nós, os anarquistas, escapámos do ridículo de nos chamarmos anarquistas científicos, foi talvez apenas porque o qualificativo de científico fôra já tomado e tornado antipático pelo socialismo marxista.

Com efeito, muitos dos nossos camaradas, e entre os mais beneméritos e ilustres, sustentaram precisamente que a Anarquia é uma dedução das verdades estabelecidas pela Ciência, não é até outra coisa senão a aplicação da concepção mecânica do universo aos factos humanos.

Quando afinal, a mostrar a falácia deste seu scientificismo, a mostrar que na realidade o seu anarquismo deriva dos seus sentimentos e não das suas convicções científicas, há a circunstância de êles continuarem sendo anarquistas da mesma forma ainda quando as ciências progridem e mudam; e, a despeito do objectivismo que professam, na prática não admitem os factos nem aceitam as teorias que pareçam contradizer as suas aspirações anarquistas.

E se não tivessem tido ocasião de fazer estudos científicos, ou não existissem as ciências, mantendo-se os conhecimentos humanos no estado em que se encontravam há séculos, provavelmente seriam anarquistas da mesma forma, porque, homens sensíveis e bons, sofreriam com a dor humana e desejariam dar-lhe remédio, e, homens altivos e justos, voltar-se-iam contra a opressão e quereriam a liberdade completa para si próprios e para todos.

Demais, reconhecem a qualidade de anarquistas conscientes à imensa maioria de camaradas que ignoram a ciência; e quando fazem propaganda, fazem tal qual como nós, isto é, procuram despertar nos homens os sentimentos de dignidade pessoal e de amor pelos outros, esforçam-se por excitar a paixão da liberdade e da justiça, falam de bem estar geral e de fraternidade humana, põem em relevo os males sociais e suscitam a vontade de as destruir, sem esperar que a gente tenha estudo matemática, astronomia e química.

\*\*\*

Estudar as ciências é coisa óptima, e diremos ainda para que servem.

Mas pretender que o anarquismo (e o mesmo se diga quanto ao socialismo ou a comum, nós somos todos irmãos e por isso

qualquer outra aspiração humana) é uma dedução científica, pretender especialmente que é uma consequência duma daque-las vastas hipóteses cosmogónicas em que se compraz a filosofia, é uma coisa falsa por si mesma, e além disso nociva pelas consequências que pode ter sobre o desenvolvimento intelectual dos indivíduos e sobre a sua capacidade de combatentes.

A ideia dum deus pessoal, criador de todas as coisas, que é a mais antiga, a mais ingénua e a mais grosseiramente absurda das hipóteses, causou um dano imenso porque habituou a gente a crer sem compreender e, sufocando o espírito de exame, formou escravos intelectuais bem preparados para suportar a escravidão política e económica.

Mas não fazem porventura o mesmo as hipóteses científicas, quando apresentadas como verdades inconcussas e como motivo de ação a quem ignora a ciência nem está habilitado a julgar?

Que éle não basta uma ou outra vaga noção de verdades científicas, mais ou menos certas e o conhecimento de algumas palavras arrevezadas para fazer um sábio, ou pelo menos um homem que saiba o que diz e possa escolher entre as coisas que lhe dizem.

Para o grosso do público, Moisés e Heinkel são figuras igualmente míticas, e acreditar no monismo de um, e não na gênese do outro, só porque é moda no nosso ambiente, não faz uma pessoa menos ignorante, menos supersticiosa, menos religiosa. E falar aos profanos de átomos, íones e eletrones (que são afinal hipóteses para explicar e relacionar certas categorias de factos, hipóteses cómodas, hipóteses úteis para a investigação científica, mas hipóteses simples concepções mentais, e de nenhum modo descobertas positivas), falar, dizia eu, a quem as ignora, de coisas arcadas e incompreensíveis sem conveniente preparação, é o mesmo que lhes falar de Deus e de Anjos; isto é, ensinar palavras e fazer acreditar que são coisas, habituar a mente a contentar-se com afirmações que não se compreendem e não se podem provar nem definir.

Mudar-se-ia de religião, mas ter-se-ia sempre uma religião, no sentido de submissão cega a uma verdade revelada, que não se pode verificar, nem compreender.

E se fosse certo ser a anarquia uma verdade científica não seriam então verdadeiros anarquistas senão os pouquíssimos homens de ciência que se dizem tais, e os demais seriam todos rebanho inconsciente, seguindo cegamente alguns sacerdotes iniciados nas razões da fé!

\*\*\*

Nem há diferença nas deduções morais e nas aplicações sociais que se podem tirar das várias teorias cosmogónicas.

Os padres puzeram na boca de deus o que lhes convinha, servindo-se dele como meio para justificar e consolidar o domínio dos vencedores; mas não faltaram no curso da história rebeldes que em nome de deus pregaram a justiça e a igualdade. Diz-se que tudo sucede por vontade de deus e portanto não há remédio senão aceitar cada um com resignação a sua sorte; mas também se pode dizer que a revolta é santa, visto que, se acontece, é porque deus assim o quere. E pode-se dizer que, se deus é pai

deveremos ser iguais. Em suma, há para todos os paladares. E é sabido que Mazzini inventou um deus de bondade e de amor, de progresso que era inteiramente diverso do deus feroz de Pio nono.

Bakunine dizia que, se deus existe, o homem não tem liberdade nem dignidade. Outro pode dizer—e muitos com efeito o têm dito—que se tudo é matéria, se tudo está submetido a leis naturais, a vontade é uma ilusão uma quimera a liberdade, e o homem não passa dum automóvel.

De modo que, se as convicções, as aspirações morais se basearem nos móveis alicerces das hipóteses filosóficas, não de ser sempre incertas e mudáveis. E assim como o católico, que assenta a sua conduta na crença em deus, fica sem critério moral apenas lhe é abalada a sua fé religiosa, assim também o anarquista, que realmente o fosse por convicção científica, teria de consultar continuamente os últimos boletins das Academias de Ciências para saber se poderia continuar a ser anarquista.

(Continuaremos.)

E. Malatesta

## NA SUECIA

### O movimento juvenil sindicalista

Na Casa do Povo Sindicalista de Estocolmo, celebrou-se no dia 22 de Junho o I Congresso da Juventude Sindicalista sueca, estando representados 17 grupos juvenis por meio de 22 delegados.

O camarada Albet Jensen, delegado da S. A. C., pronunciou um discurso de abertura, fazendo a história do desenvolvimento da organização sindicalista sueca e terminando com um chamamento aos jovens, que devem preparar o futuro do movimento sindicalista.

Adoptaram no Congresso uma resolução contra o alcoolismo, arma utilizada pelo capitalismo para embrutecer o povo e manter o escravo.

Discutido o problema do desemprego, acordaram lutar pela redução da jornada de trabalho e o direito ao trabalho para todos os operários.

Depois da aprovação destas três resoluções, trataram de dar forma definitiva aos estatutos da organização juvenil, que serão publicados brevemente.

A organização será designada União das Juventudes Sindicalistas da Suécia, tendo o Congresso constituído um grande êxito para o movimento juvenil sueco.

## Algumas palavras amargas sobre a Escola Portuguesa

Em Portugal tudo está por fazer. Notam-se aqui indícios de atraço, que não é fácil encontrar em qualquer outro país da Europa, pelo menos com traços tão acentuados.

Uma das provas evidentes da nossa inferioridade é a maneira como é encarado o problema do ensino, tanto pelos particulares, como pelas entidades oficiais. Dir-se-ia que estamos ainda, a esse respeito, respirando os ares do século XVIII. A miséria da Escola aí está a evidenciar essa triste verdade.

Esboçar o quadro da Escola, mostrando as suas deficiências, o que ela é, em todos os seus aspectos, já parece supérfluo, inútil. Isso tem sido feito milhares de vezes, e sempre baldadamente. Não vamos mais uma vez lançar palavras ao vento. Basta dizer-se que os telhados dos edifícios escolares, na sua maioria, estão arruinados a ponto de deixarem penetrar as águas das chuvas nas salas de aulas. Era assim no último inverno, e ainda é, porque não me consta que tenham sido distribuídas verbas para reparações. A limpeza e aquisição de expediente é feita geralmente à custa de subscrições entre os alunos ou entre os chamados beneméritos da instrução. Trata-se duma espécie de peditórios, deprimentes e de que os directores, preocupados, só lançam mão no último extremo.

O mobiliário escolar é de construção antiquíssima e está arruinado pelo uso. Há quanto tempo se não distribui mobiliário novo? A respeito de material didático, as mesmas deficiências e faltas. Escolas existem que não têm um mapa ou uma esfera em condições de puderem servir. E vulgarmente, neste particular, o pouco de bom que existe, é adquirido pelo professor, à custa dos seus esforços, dos seus peditórios.

Este facto é concludente em demonstração do atraço de Portugal. Um país que não cuida, a sério, do seu problema escolar não deve querer progredir, não deve querer aperfeiçoar-se e caminhar desembarracadamente para melhores dias. E digo um país, porque me parece, que, no assunto, não têm só culpas os estadistas encartados, mas as classes privilegiadas que os apoiam e que mobilizam a opinião.

A incapacidade dos homens de estado

mostra-se nisto, como em tudo. Enquanto por esse mundo fora, (e não é preciso citar a Alemanha, a Inglaterra e a Suíça como exemplo, basta citar a Espanha, a Suécia, a Bolívia, o Chile) os governos há muito se propuseram a gastar com a sua instrução avultadas parcelas dos seus orçamentos e a olhar com interesse pela Escola Popular, aqui faz-se precisamente o contrário e nota-se um desprêzo absoluto pelas coisas respeitantes ao ensino primário. É ver-se, além do mais, a forma deprimente como se trata o professor, quanto a vencimentos.

Lá fora comprehende-se que a criança e o futuro, bom ou desgraçado, dum povo. Compreende-se que a redenção política, económica e moral da sociedade, residem na criança, nos seus nervos, no seu sangue, na sua alma. E, por isso, pondo de parte o egoísmo oportunista, materialão, da hora que passa, e lançando vistas à frente, homens de ação, dentre êles alguns governantes, instituições várias, umas oficiais, outras particulares, pedagogistas, cientistas e escritores deitaram-se todos a trabalhar pela criança, e fundou-se o ensino em bases mais humanas, mais próprias ao conseguimento dum melhor bem-estar social.

Que se faz aqui? Nada! Deita-se tudo ao abandono, deixa-se naufragar a própria criança, que é a vida caminhando, que é o futuro, que é o ideal de amanhã.

Onde estão os pedagogistas de Portugal, onde estão os nossos moralistas da ideia nova, os nossos escritores de actividade renovadora, os nossos cientistas e filósofos que não reparam no mal que se faz, deixando derruir a Escola, deixando naufragar a criança, deixando comprometer o futuro?

Se ainda há alguém com forças e com ideias para entrar a valer na campanha em favor da Escola, que é o mesmo que em benefício da criança, apareça. Eu, cá estou, para ajudar.

M. G.

.....  
Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso.

## NOS ESTADOS UNIDOS

### Rescaldo da greve dos têxteis de Gastónia

Por ocasião da greve dos têxteis de Gastónia, N. C., foi assaltado pela polícia o campo onde viviam os grevistas, tendo caído nessa ocasião morto o chefe Aderholt.

Acusados da sua morte foram recentemente julgados pelo Supremo Tribunal do Estado sete operários, que sofreram as seguintes condenações: Fred Erwin Beal, Jorge Carter, José Harrison e Mille de 17 a 20 anos de prisão; Mc Ginnis e Mc Laughlin de 12 a 15 anos; e Hendricks de 5 a 7 anos.

\*\*\*

Na Califórnia, continuam encarcerados por toda a vida, os operários Tom Mooney e W. Billings, a pesar das testemunhas que depuseram contra êles já terem declarado, que o fizeram falsamente.

## NA ÍNDIA

### A situação agrada-se

As condições económicas da Índia continuam piorando, devido a cerrado boicote que os indianos praticam contra as indústrias estrangeiras, particularmente contra os artigos de procedência britânica. Isso causa a ruína de numerosos pequenos comerciantes, que têm consignados artigos daquela procedência.

Paralelamente sente-se a medida nas fôrmas de produção inglesa, que vêm aborrotando de mercadorias os seus armazéns, aumentando por esse facto, a desocupação.

\*\*\*

Notícias posteriores dão como quasi terminada a desobediência civil na Índia. Até Ghandi, teria, a dar crédito a essas informações, enviado uma carta ao vice-rei. Porem nada há que nos confirme tal notícia. Assim poderemos, ainda, afirmar que esse belo gesto da desobediência civil continua a fazer sentir os seus efeitos na Índia, preocupando os funcionários ingleses, encarcerados de velar pela ordem.

A incapacidade dos homens de estado

## Uma referência amável

ao nosso jornal

O aparecimento do nosso jornal deu origem a inúmeras referências, às quais não aludimos, por em muitos delas estar, claramente, indicada a procedência: o hábito de felicitar os jornais que se publicam. As restantes, aquelas onde notamos sinceridade, bastaria o que dissemos dum a maneira geral, a todos atingindo portanto.

Mas foi-nos enviada a revista «Política», onde lemos uma referência, saindo fóra do uso. Diz ela:

«Ao aparecimento de «A Batalha». Porta-voz da organização operária portuguesa iniciou a sua publicação o semanário A Batalha.

Tem por fim intensificar a acção sindical portuguesa— independentemente de facções e de partidos. Jornal bem feito, sem intolerâncias que o desprestigiem nem lugares-comuns da retórica liberal que o banalizem— impõe-se à nossa simpatia.

Pondo pois de parte tudo quanto nos separa, saudámo-lo esfusivamente, por tudo quanto nos une. E isto da nossa parte significa que sabemos destrinçar o trigo do joio, incitando e ajudando os verdadeiros amigos dos trabalhadores, ao mesmo tempo que combatemos sem tréguas aqueles que só se dizem estar com elas para melhor os oprimir e os explorar.

Como fizeram os tribunos da propaganda democrática, já-lo-hão se os deixarem, os caixeiros viajantes de Moscou. Atenção, portanto, operários de Portugal, que as palavras da insídia e da mentira vos não perturbem e que um dia, abatido o que nos divide, sejamos todos aliados e amigos contra o capitalismo de Israel, que nesta hora céntrica domina o mundo— substituindo a máquina ao homem, subordinando a vida ao dinheiro, enulando tudo o que é elevado, e nobre, e heroico, escravizando, fazendo reinar a miséria, espalhando aos quatro ventos a dor e a revolta!»

Não teríamos motivos para surprezas se tais palavras, parecendo de amigos, partissem de um sector que de algum modo tivesse pontos de contacto com o movimento dos trabalhadores, que tende—não o esqueçamos—para a sua emancipação integral.

Mas não. Com os amigos que nos saudam não temos quaisquer pontos de contacto. Eles desejam uma regressão social, a volta a uma sociedade medieval, com essa divisória grotesca e incompreensível no nosso tempo: senhores e escravos. A sua actividade encaminha-se para um refinamento social, pelo desenvolvimento das castas, num helenismo cheio de beleza, é certo, mas apenas para os que dele disfrutam. Os trabalhadores essa massa anónima, sem possibilidades de ascender à aristocracia—embora esta seja aberta, como afirmam—teria essa missão nada nobre, nada dignificante—mesmo para os senhores—de buiros de caga, de escravos arrastando a grilheta.

Não. Nós não desejamos uma tal sociedade.

O nosso movimento emancipador olha para diante, pretende uma organização social onde tais factos, tal modismo orgânico, não sejam possíveis.

Pode parecer que sendo adeptos do sindicalismo perfilharmos o sistema italiano, em Portugal a quererem-no adoptado: junção do movimento sindical operário com o movimento sindical patronal, por meio do estabelecimento das corporações. Não, amigos, não. Isso é muito interessante para quem veja mais o interesse de casta que os interesses da humanidade. Nós pretendemos a supressão das castas e das classes, lutamos por modalidades orgânicas onde tudo esteja arrumado, sem que esteja imponha àquele a sua vontade e aquele viva do esforço deste, num maravilhoso palácio, de belos mármores e quadros, com jardins onde as fontes cantem e os escravos reguem os canteiros de flores.

Isso é muito bonito, na verdade, queridos amigos, pombos inocentes desse encantador Portugal! Mas esse bonito reside, apenas, no exterior. Dentro há a mesma podridão de hoje, de ontem, de sempre, enquanto os trabalhadores, não apearem de todo, a organização social da actualidade.

Por isso nada nos une; tudo, pelo contrário, nos separa.

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

## MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

# Influência sobre o movimento operário na América

### Aspecto da actividade dos dois sectores marxistas e acção desenvolvida pelos reformistas

Igualmente como sobre o movimento operário do mundo atuam duas tendências, nas organizações de trabalhadores da América, que têm, ainda que por distintos motivos, interesse na conquista espiritual do proletariado continental, sucede o mesmo. São essas tendências o marxismo e o anarquismo, dividida a primeira por sua vez em dois sectores: reformismo e boixeivismo que perseguem, não obstante, o mesmo objectivo final.

Mas o trabalho que realizam as tendências marxistas e anarquistas no movimento operário da América, e não só o trabalho, como a forma de penetração de uma e outra tendência, é absolutamente distinta. Qualquer dos dois sectores do marxismo, colocados em luta aberta, consequência da revolução russa, ostentam a mentira por divisa.

Não poderia ser de outra maneira, porque ao apresentarem as suas ambições sem cobri-las com o véu do idealismo, equivaleria a terem de se suicidar colectivamente. Tanto a sucursal estabelecida por Moocovo em terras americanas, como a central criada pelo reformismo com vistas à hegemonia sobre o movimento operário continental, respondem aos fins particulares, respectivamente, do governo russo e do capitalismo norte-americano.

O reformismo estabeleceu, posteriormente à guerra europeia, o seu centro de acção nos Estados Unidos, na chamada American Federation of Labor, e daí dirige os seus ataques ao movimento operário da América, antecipação segura ou complemento das manobras capitalistas, que procuram a dominação de todos os países do continente.

A circunstância de que esta organização permaneça completamente à margem da Federação Sindical Internacional de Amsterdã, é interessante. Evitam, assim, promover a sua independência de acção por um contacto mais ou menos estreito com aquêle organismo, que agrupa todas as centrais reformistas da Europa. Ora nada evitaria esta fusão, dado que se desenvolvem num mesmo plano teórico. Agregada à demonstração prática da obra realizada, serviria para deduzir, até que ponto a Federation of Labor, corresponde aos interesses do capitalismo norte-americano.

Se a Federação Sindical Internacional de Amsterdã, para a qual o capitalismo reservou uma repartição especial que serve de ponto de convergência e de colaboração, na Sociedade das Nações, não vacila em intervir nos problemas que se relacionam com a reconstrução capitalista, ao terminar da guerra europeia, não há que estranhá-la o facto de, com o mesmo direito, a Federação do Trabalho, se prestar também a ser instrumento directo do capital norte-americano, e não desejar, por consequência contactos que implicam compromissos com as organizações reformistas do velho continente.

Uma fórmula comum, a famosa divisa de Monrê, serve para disfarçar a intervenção do capitalismo e dos seus agentes, os dirigentes da Federação do Trabalho.

Com o pensamento de Monrê, «A América para os americanos», intenta o capitalismo, fingindo a defesa da independência da América evitar a intrusão europeia e estender seu protectorado sobre as repúblicas mais débeis, protectorado que encobre a mais grosseira sede dominadora. O capitalismo norte-americano procura iludir o controlo económico das potências europeias para o implantar éle próprio.

A Federação do Trabalho Americana, serve de instrumento a estes fins imperialistas, cuja missão consiste em penetrar nos movimentos que poderão constituir um princípio de resistências às manobras de Wall Street, e trabalhar no seio dos mesmos, lindo asperas e conquistando vontades.

Mas para isso é necessário invocar os interesses do trabalhador, falar da sua defesa e da sua unidade num grande bloco continental. Assim, na ânsia de edificar sobre a base do reformismo um movimento continental de organizações operárias, que respondam às directivas desta famosa Federação sem prestígio, oculta-se o baixo interesse da camarilha dominante, que desde o bairro dos banqueiros intenta ditar a sua vontade aos países do continente.

A organização reformista carece de prestígio entre a grande massa continental de trabalhadores. Sem procedido em aberta colaboração com o governo da grande república do Norte, e não poderá já ganhar posições no grosso dos países da América.

Existe no continente uma pronunciada repulsa pela yanquianha, pelos seus actos de rapacidade. Conhece-se a forma por que procede e daí essa repulsa que alcança também a Federação do Trabalho, a guarda avançada do capitalismo norte-americano.

Afóra a C. R. O. M. (Confederação Regional Operária Mexicana), organização reformista em decomposição, que corresponde por completo ao fins do governo socialista do México, não há na América núcleos operários que respondam à Federação do Trabalho Americana.

Uma pequena organização reformista existente na república de Honduras, apesar da proximidade dos Estados Unidos e sujeita às manobras dos agentes da Federação do Trabalho, por um espírito anti-yanqui, suscitado como reacção ao banditismo daqueles capitalistas, corresponde muito melhor às directivas da Internacional Sindical de Amsterdã.

O mesmo pode afirmar-se da C. O. A. que, apesar de não existirem diferenças teóricas e ocupar o mesmo plano reformista, manifesta a sua preferência pela Internacional Sindical de Amsterdã.

Tudo isto significa a ausência de influência real do reformismo sindical personificado pela Federação do Trabalho no movimento operário da América.

A sua influência limita-se àqueles países onde o capitalismo yanqui exerce nas indústrias e no mercado grande preponderância, representando essa influência para o capitalismo a garantia de um proletariado pacífico, que pela rota da colaboração é desarmado e entregue manietado ao seu poder voraz.

## Acidentes de Trabalho

### Uma rectificação

«De José de Sousa recebemos uma carta onde diz não serem exactas duas passagens que lhe são atribuídas no nosso relato do número anterior sobre acidentes de trabalho.

Eis a parte da sua carta onde rectifica o nosso relato, nos pontos que lhe dizem respeito:

«Alonga-se (J. de Sousa) num combate à organização operária e aos seus objectivos. E mais adiante: José de Sousa ataca a organização operária e as considerações feitas em sua defesa.

O camarada reporter confundiu organização operária com anarquismo e sindicalismo libertário, concluindo que atacar estes era atacar aquela. Eu não ataquei a organização operária a quem, pelo contrário, há 15 anos venho dedicando o meu esforço. Ataquei tão simplesmente a tendência que, pretendendo possuir o monopólio do sindicalismo, tem aliado, do movimento operário onde impera, todos os que não comungam nas suas ideias, reduzindo os organismos centrais à sua expressão mais simples.»

Não sabemos porque J. de Sousa vem rectificar, por quanto a sua carta só confirma os seus ataques à organização operária. Diz que não atacou a organização operária mas sim a tendência que prepondera e a orientação daquela. Entendamo-nos: Quem determina a orientação ao movimento operário e a qualidade dos militantes em actividade? Naturalmente, a massa trabalhadora. Ora se esta nos congressos nacionais e federais determinou a actual orientação da Central e deu a sua confiança aos militantes que nela actuam, atacar a tendência do movimento operário—consequência da vontade dos trabalhadores organizados, não o esqueçamos—é atacar a própria organização, mais, a própria massa trabalhadora? J. de Sousa não fez outra coisa. Chegou mesmo a pretender sobrepor, grotescamente, de resto, a sua vontade à dos trabalhadores organizados.

Nada mais teríamos a acrescentar se J. de Sousa não aproveitasse a oportunidade para afirmar que a organização operária está enfeudada a uma tendência e esta tem aliado todos os que não comungam nas mesmas ideias. Isto não é verdadeiro. A organização operária recebeu, como já se disse, a sua orientação em congressos vários, tendo saído, por sua vontade que não expulsos, os que nela agora não estão, porque pretendiam dar-lhe uma directriz política-partidária, o que não conseguiram. E a prova disso está no facto de a tendência que prepondera, como afirmam, merecer, ainda, a simpatia das massas organizadas na Central, como o prova o apoio recebido em todas as fases da luta e, recentemente ainda, o acolhimento feito ao nosso jornal.

Por outro lado da organização operária nunca ninguém foi afastado por pensar desta ou daquela forma. Os que se afastaram é porque não se sentiam à vontade e não tinham a confiança das massas. Portanto são mal intencionados e escondem os seus verdadeiros objectivos, os que espalhem que dela se alijaram os que não comungam nas nossas ideias.

Mas sempre assim foi. Quem tem os feitos, atribui-os aos outros, num desejo manifesto de desviar a atenção dos que observam, atropelando-a com insinuações.

### EM FRANÇA

## As greves do Norte e o Congresso dos Mineiros

Terminou a greve do Norte por um compromisso de arbitragem. Os operários grevistas, aconselhados pelos seus chefes, aceitaram promessas vagas e indefinidas de estudos sobre a situação económica e sobre a questão do custo da vida.

Acabou pois o conflito sem vencedores nem vencidos. A situação não se modificou, apresentando-se o problema dos salários cada vez com mais gravidade.

\* \* \*

O Congresso dos mineiros de Pas-de-Calais reuniu-se em Lens. Porque as companhias mineiras não prestam atenção alguma às reclamações dos operários acerca dos salários e férias, foi resolvido nesse Congresso uma paralisação de 24 horas no dia 6 de Outubro.

Mais vale um tempo em que prevalece a tirania e em que sofre o escravo, do que um tempo em que adormece a tirania porque se submete o escravo.

George Sand

## NECESSIDADE DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA NO MOVIMENTO OPERÁRIO

Procedemos hoje a uma análise serena das causas do quebrantamento do espírito revolucionário do proletariado para vermos quais as razões que determinariam o seu estado actual, e que possibilidades terá de aceitar a nossa propaganda.

Não quero fazer crer que em todos os tempos, ou pelo menos nos mais próximos, a propaganda tenha sido pouco incisiva e totalmente desprovida de factores persuasivos e transformadores. Pretendo apenas provar que nem sempre houve uma noção clara de psicologia humana e especialmente do nosso povo, e que por demasiado escrípulo de mentalidade, os militantes olharam sempre mais ao número do que à qualidade, mais à organização forçada do que a uma outra, possivelmente mais do que metódica. O simplesmente sindicalista predominou, fazendo interessar, exclusivamente, as conquistas imediatas e interessando-se por parcelas das necessidades da luta operária. Tornaram uma luta, que devia compreender-se no amplo sentido da emancipação integral e da melhoria económica e moral do proletariado em geral, em simples colisões corporativas.

Houve, como sucede em todas as causas, uma propaganda a contrabalançar esse recuo da luta proletária, de classe contra classe, mercê da crítica exercida pelos anarquistas no seio das organizações de classe. Mas cada ação de luta de classes que se exerce pelo sindicalismo, e na qual os anarquistas intervêm para a impulsionar, o mais intensa e exclusivamente possível, não provém dum qualquer sistema teórico. Vem, antes, da oposição dos interesses de classe que nos levará a provocar o seu desaparecimento, a realizar as nossas aspirações.

Eis por que o papel dos anarquistas nos sindicatos, se deve à necessidade da sua crítica se exercer com o objectivo de levar o proletariado, dentro da sua luta de classes, a apropriar-se de todo o património social, tomando conta da gestão social e da produção.

Os agrupamentos operários, como não são

específicos em doutrina, reúnem por condição profissional ou de indústria, e, por este gregarismo, inclinam-se para se tornarem conservadores, até mesmo naquela acção chamada de melhoria económica. Este conservantismo ocasiona o desenvolvimento do messianismo político, a confiança das «élites» superiores dum política ortodoxa, e a confiança nos métodos dolentes do parlamentarismo. Daí a inclinaçãoalguns agrupamentos operários para aceitarem os métodos marxistas.

A crítica anarquista terá como vantagem desenvolver a mentalidade anti-capitalista e libertária dos trabalhadores, exercer uma influência que impulsione os trabalhadores para as mais amplas iniciativas. Os anarquistas serão pois, contra todos os sistemas que pretendam forçar a ação operária, inclinando-a para aceitar quaisquer que sejam as suas possibilidades e a sua preparação, o Estado, afastando-lhe a possibilidade de cimentar os sustentáculos da sua libertação, de dar satisfação integral às suas aspirações de liberdade.

A crítica anarquista é necessária. E é tanto mais quanto mais adverso for o campo onde ela se exercer. Será o espírito insatisfeito, a ideia viva da verdadeira meta que a humanidade tende a alcançar.

Ainda mesmo quando se trata da ação parcial das lutas económicas e imediatas, que os anarquistas consideram importantes, essa crítica deve fazer-se sentir com o fim de proletariado, fora do terreno da ação parlamentar ou política partidária, ter a noção de que as suas melhorias económicas são a satisfação das necessidades da sua individualidade em luta contra o capitalismo e suas instituições. Elas só podem ser obtidas por uma luta de todos os trabalhadores contra o sistema que o reduz à condição de proletários. Os anarquistas, nos sindicatos impelem o proletariado nas suas reivindicações, não para reformas parciais, mas para uma luta que arranque ao capitalista o máximo do que lhe faculta o exercício do poder.

E. S.

### NA INDO-CHINA

## A civilização francesa

...Quando a propriedade privada for abolida, não haverá mais necessidade nem excitação ao crime; ele cessará de existir. Todos os crimes, todavia, não são crimes contra a propriedade... mas, embora não ataque a propriedade, o crime pode resultar da miséria, da tiranía e do abatimento produzidos pelo nosso injusto sistema de possessão. Assim, quando este for abolido, o crime desaparecerá. Quando cada um dos membros da sociedade possuir suficientemente para as suas necessidades, e quando o seu vislumbre não interferir no que lhe diz respeito, não haverá para ele nenhum interesse em intervir no que diz respeito aos outros.

Oscar Wilde

...Quando a punição t... desaparecerá de todo, o crime ou cessará de existir ou, se se produzir, será tratado pelos médicos como uma fórmula tristíssima da demência, a fim de ser curado pela docura e pelos cuidados. Porque esses que chamamos hoje criminosos não são absolutamente criminosos. A miséria, e não a perversidade, é a mãe do crime contemporâneo.

Oscar Wilde

# O salário mínimo vai ser realidade

O Sindicato da Construção Civil reclama uma unidade de salários, partindo daqui para o salário mínimo

De há muito que a Central Operária vem pugnando pelo estabelecimento de salários que deem aos trabalhadores uma maior capacidade de compra e, ao mesmo tempo, provoquem um equilíbrio estável entre os salários nas diferentes regiões e, mesmo, dentro duma localidade, evitando, desse modo, as anomalias que se registram. Essa medida não podia ser esquecida pelos trabalhadores, sobretudo por aqueles que ainda se preocupam pelas suas condições de trabalho, e, por isso, se verifica um certo interesse por ela.

Porém, o interesse até hoje mais vencido deve-se aos Operários da Construção Civil de Lisboa, que se movimentam, por intermédio do seu respetivo sindicato, no sentido de reclamarem das entidades que exploram a Indústria da Construção Civil a fixação dum salário uniforme, salário esse que terá uma base mínima para os componentes das diversas classes da Construção Civil, e acima do qual o patronato deverá pagar a cada um segundo que ainda conseguem obter trabalho e que só do recurso do mesmo vivem.

— Quais são os salários que presentemente auferem os operários da Construção Civil? — pergunta-mos.

— Uma verdadeira miséria!... Os profissionais auferem salários que variam de 16 a 22 escudos, sendo o número destes, porém reduzidíssimo. Os serventes então — estes, vítimas ainda dum mais desfreada exploração — auferem salários que variam entre 13 a 15 escudos, havendo apenas os serventes que trabalham por conta do Conselho Técnico da nossa indústria, que auferem o salário de 17\$50 por dia. Será possível ver-se com tão irrisórios salários?... De facto vive-se, mas como?... Verifica-se dia a dia o nosso depauperamento físico e o de nossos filhos e companheiros. A contínuo nessa situação vermo-nos-hemos, dentro em pouco, reduzidos a simples farrapos humanos.

— Podes acrescentar — diz-nos — que esta triste situação, em que se encontram de resto todas as classes trabalhadoras, tem contribuído grandemente para o apavorante

aumento da mortandade pelo terrível flagelo da tuberculose.

A unidade de salários que reclamamos — continua — será base para estabelecer o salário mínimo. Eis a tabela que elaboramos: Canteiros 24\$00; Polidores de Mármore, 22\$00; Carpinteiros, 24\$00; Pintores, 24\$00; Pedreiros, 23\$00; Serventes de Pedreiro, 19\$00 e caiadores 16\$00. Como já disse, faltam ainda pronunciar-se as classes dos Estudantes e Mecânicos em Madeira. Estes salários são para oficiais. Para meios oficiais e aprendizes, reclama-se que os salários sejam elevados paralelamente em conformidade com as habilitações profissionais de cada um. Como se verifica não há exagero nos salários que reclamamos, por quanto o reclamado ainda não é, de forma alguma, um salário que nos dê margem para uma vida desafogada. Porém, isso atenuaria um pouco a terrível situação presente.

— Mas alguns operários da Construção Civil não têm salários mais elevados do que o mínimo que as secções do vosso sindicato reclamam? Como resolvem esse assunto?

— Está tudo previsto nas circulares enviadas a todos os mestres de obras, construtores civis, e industriais. Aí se salvaguarda os salários mais elevados que por ventura existam presentemente.

— Para pôr em andamento normal e rápido esta nossa reclamação iremos convocar todo o operariado da Construção Civil para uma sessão magna. Nela será apreciado em conjunto, um trabalho coordenado da ação de todas as secções sobre este importante assunto. Entretanto já se estão estabelecendo negociações com os industriais, mestres de obras e construtores civis sobre as reclamações apresentadas.

— Sobre crise de trabalho na vossa indústria?

— Neste momento não é tão intensa como era aqui há meses, e isto devido a determinadas medidas tomadas pela Câmara Municipal e Governo, ncedidas essas reclamadas a estas entidades pela nossa Federação de Indústria e Sindicato da Construção Civil de Lisboa. Mesmo assim ainda notamos muita falta de trabalho.

— A crise de trabalho existente por esse País fora, que faz convergir para os grandes centros centenas de camaradas nossos acossados pela miséria, corre para que aqui, ela não seja facilmente solucionada. Também para isso corre o abuso das horas suplementares, facto este que para não ter mais amplitude, evou o sindicato a reclamar o inscindível cumprimento da lei do horário de trabalho e a fazer a nomeação de delegados fiscais, para evitar a continuação

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

EM UNHAIS DA SERRA

## Os operários têxteis reclamam aumento de salário

Os operários têxteis de Unhais da Serra não podiam suportar por mais tempo a sua situação de miséria. Os seus exigentes e ridículos salários não se elevavam a mais de 8\$00 em 10 horas de trabalho os dos homens, e os das mulheres e menores no mesmo número de horas, a 4\$00, chegando a ser de 5\$00 os dos homens e 2\$00 os das mulheres ou menores. Por isso resolvem avistar-se com os patrões e solicitar dêles um aumento que lhes nivela o salário aos dos seus camaradas da Covilhã, visto que tendo iguais deveres, tinham, impreterivelmente, também, iguais direitos.

Toda a gente de sentimentos e bom senso compreenderia a justiça da reclamação, porque é humano desejar mais uns miseráveis centavos para evitar que a tuberculose ceife as suas vidas e as dos seus. Reclamar para mitigar a fome não é nenhum crime; é uma obrigação, um dever que se impõe.

Porque não o compreenderam assim os patrões? Seria por não terem lucros? Cremos que não. Estes senhores, na qualidade de industriais, estão em condições mais vantajosas do que os seus colegas da Covilhã, e estes podem dar os salários que são reclamados pelos nossos camaradas de Unhais. Então porque é que não atendem os operários na sua petição? Porque não querem! Porque não conhecem, a-pesar-de entre elas haver um padre, a máxima de Cristo: «Não faças aos outros o que não queres que a ti te façam». Se a couvessem reconheceriam a justiça que assiste aos têxteis e a necessidade que elas têm em ganhar mais alguma coisa para não morrer à mingua de recursos.

## A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

## Pela Construção Civil

(Continuação da página central)

de mais esta modalidade da exploração patronal. Com esta ação bastante se tem conseguido, conquantos só a força das circunstâncias nos tivessem forçado a lançar mão de tal recurso, sem o qual amanhã nos veríamos na contingência de, se quizessemos trabalhar, a ter de o fazer de sol a sol. Para tal se preparam os nossos exploradores, no desejo sempre crescente de arrancar à classe operária aquelas regalias que com tanto sacrifício tem sabido alcançar.

A organização operária tem na «Vanguarda Operária» seu porta-voz no Norte.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

## «AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudo

## Actividade capitalista e actividade operária

O capitalismo desenvolve-se no sentido duma maior capacidade do seu poder económico, político e moral. Na actualidade o seu domínio chega a toda a parte, em toda a parte faz sentir os seus nocivos efeitos.

Aqui são mais uns milhares de trabalhadores atirados para a miséria, porque o seu capricho o ordena (no dia seguinte trabalha-se 10 e 12 horas). Ali o desenvolvimento da racionalização atira para a situação de desempregados, inúmeros trabalhadores.

Que fazer? É a pergunta angustiante, que anda nos lábios de todos e na boca da companheira e dos filhos, se manifesta pelo rictus pavoroso da fome.

Que fazer?

Reclamar jornada de trabalho menor, partindo do princípio de que ela, em qualquer trabalho, não deve ir além de seis horas;

Exigir um aumento de salários correspondente ao custo da vida, procurando fixar um sistema de remuneração com uma base mínima;

Estabelecer um controlo na produção, de maneira a equilibrar esta com o consumo, e a não permitir aglomeração, devendo no caso de haver indícios dela, reduzir imediatamente a laboração às horas necessárias;

Fazer pressão sobre as empresas industriais para admitirem mais pessoal, antecedendo essa pressão dos necessários esclarecimentos, para demonstrar as vantagens duma tal admissão;

Cooperar nas organizações centrais toda a actividade tendente ao atenuamento da crise, dando homogeneidade ao movimento pró-melhorias imediatas e pró-emancipação integral.

Eis algumas das medidas que respondem à angustiante pergunta: — «Que fazer?».

## O cumprimento da jornada de trabalho

Uma comissão de operários da Indústria Têxtil de Castanheira de Pêra, acompanhada dum delegado da Comissão Inter-Federal, entregou ao Sr. Sub-Secretário de Estado das Finanças uma exposição sobre a crise de trabalho que afecta aquela região, pedindo providências sobre o desrespeito da lei do horário de trabalho, pois que os operários são obrigados a trabalhar de sol a sol por um salário que a maior parte das vezes não excede 8\$00.

Foi prometido interessarem-se pelo assunto, indo providenciar-se no sentido de não ser permitido o trabalho executado por um período de tempo superior ao determinado na lei.

**Recomendamos a todos os camaradas que tenham de tratar qualquer assunto com a administração e redacção de «A Batalha», que se dirijam em correspondência — quando doutro modo seja impossível — para o APARTADO N.º 329 — Lisboa a. Também recomendamos que toda a correspondência, pedindo modificação nas remessas de jornais, deve estar aqui na antevéspera do dia da saída do jornal.**

## Solidariedade

Pró-Mineiros

Um grupo de rapazes do Grupo Dramático Solidariedade Operária acaba de se constituir em comissão, para levar a efeito muito brevemente uma série de espetáculos, cujo produto líquido terá por fim minorar, em parte, a péssima situação de miséria em que se debatem os trabalhadores do sub-solo.

Para que o fim a atingir tome mais amplitude, vão enviar a todos os organismos operários uma circular, convidando-os a enviar um delegado que terá por fim auxiliar e controlar os trabalhos desta comissão.

## Accção reconstrutiva

(Continuação da 1.ª página)

nas federações, nas Câmaras e Uniões locais e estas na Central.

A ação isolada e tantas vezes contraditória duns sindicatos em relação a outros da mesma indústria, as reclamações dispersas dumas indústrias em relação a outras afins, são um contrasenso e resultam em pura perda.

Noutros tempos a unidade de ação não era tão necessária. Era no tempo em que a indústria estava por assim dizer dispersa pela luta de concorrência entre o próprio patronato.

Hoje, não. As indústrias tendem a concentrar-se. E se em Portugal este fenómeno não se apresenta tão claramente, pela quase carência da grande indústria, nem por isso deixa de concentrar-se o elemento patronal, confluindo-se para uma maior homogeneidade na sua ação de defesa dos seus privilégios de classe e de ataque, geral e simultâneo às regalias do proletariado.

Haja em vista o que sucede com os salários e com o horário de trabalho — para não citar outros acontecimentos de nota,

Temos o trabalho de reconquista, posto que já nada se pode esperar da munificência de quem quer que seja. E temos toda a demais ação a exercer tendente ao levantamento moral, intelectual e material coíncidente com as sempre crescentes necessidades de toda a família trabalhadora.

Toda esta ação tem que obedecer a uma tática que resulte do entendimento dos sindicatos, dentro, cada um, das respectivas Federações, órgãos coordenadores da ação do proletariado de cada indústria, em cada localidade ou no país, pela Confederação.

Tudo isto nos parece intuitivo e já há muito compreendido. Mas nunca é demais insistir, especialmente neste momento de reconstrução dos órgãos sindicais.

## O AMOR

O amor é secundo. Sim, ja o sabemos. Admiremos, porém, a fecundidade do ódio. O amor autêntico tende para o platonismo e, com freqüência, a luxúria encadeia um homem e uma mulher que se odeiam. Quantos podem afirmar: «meus pais odiavam-se, porém nasci».

Todos os que trabalham para não morrer, ou seja os quatro quintos da humanidade, odeiam a morte, o patrão, o capataz, o proprietário, o chefe, o negreiro.

O trabalho está cheio de ódio. Sobre o ódio está cimentada a civilização moderna.

Rafael Barrett

## MARCO POSTAL

**Castelo Branco — Vilhena** — O que mandaste não pôde sair.

**Silves — Sequeira** — Idem.

**Aljustrel — Mineiros** — Idem.

**Coimbra — A. Domingos** — Recebemos carta e 5\$00; entendido.

**Ponte de Sôr — Sardinha** — Recebemos e agradecemos a lista de assinantes. Seguiram os n.ºs anteriores para os novos. Daqui em diante, fica regularizado como indica.

**Porto — F. Ferrão** — Os nossos agradecimentos pelos novos assinantes. Convém saber os nomes das pessoas que se queixam de não receber o jornal.

**Alentejo — António Joaquim Dias** — Recebemos 9\$00. Entendido e de acordo.

## O homem é rotineiro

Que rotineiro é o homem! Como lhe põem as cadeias do passado! Caminha para diante, na verdade, mas tórpego, virando a cabeça para trás.

Está tão amarrada ao passado, aos seus costumes, que lhe parece um sonho poder desenvolver-se num plano de completa liberdade...

Mais que um sonho, isso parece-lhe impossível!

Por isso não é raro encontrar entre os homens que simpatizam com as nossas ideias de liberdade, pessoas que nos preguntam por caminhos, que exigem leis, «estatutos» da futura sociedade anarquista.

Estão tão amarrados ao êrro, que lhes parece impossível poderem desenvolver-se sem mais códigos que a superação moral dos indivíduos.

Pedro Godoy

## O DERIVATIVO

Logo nos primeiros anos da República, tinha-se produzido entre patrícios e plebeus uma rústica completa. Embora fartos de opressão, os plebeus não se tinham revoltado, mas tinham feito paréde, saído da cidade e retirando-se para o monte Aventino, depois ainda para mais longe, para o monte Sagrado, do qual ameaçavam fazer com a ajuda dos povos vizinhos, uma cidadela de ataque contra Roma.

Os patrícios tiveram que parlamentar e, como outros em tal circunstância, recifaram, sob uma forma adequada aos costumes romanos, essa famosa fábula dos *Membros e o Estômago*, que seria duma verdade perfeita, se no corpo social os membros recebessem do estômago os amplos alimentos que lhe são devidos. Por fim, com boas promessas, foram os plebeus reconduzidos para a cidade, conseguindo-se que ficasse meio satisfeitos com concessões políticas, sem que nada se cedesse quanto ao fundo mesmo da questão, pois os pobres ficaram, sem direito à posse da terra. Todavia, a instituição de dois tribunos do povo, magistrados invioláveis, armados do direito de opôr o seu voto a qualquer lei que desagradasse ao povo e até de fazer propôr outras leis por meio de plebiscito, podia vir a ser fatal à aristocracia romana, se ela não tivesse tudo o cuidado de se precaver contra esse grande perigo.

Pôs em prática um método, de que sempre se serviram as classes dirigentes ameaçadas, mas que em parte alguma foi aplicado com tanta sequência e êxito como em Roma: alimentar as guerras exteriores que tiravam ao povo o seu escor de rapazes e de homens feitos e desviaram contra o estrangeiro as paixões de ódio e de vingança. Em vez de dar aos proletários, no próprio seio da República, o quinhão igual que elas podiam reclamar, fazia-se brilhar diante dêles a embriaguez dos saques futuros.

Eliseu Réclus.



# A BATALHA

## VIDA SINDICAL VIDA OPERÁRIA



### Comissão Inter-Federal

Na sua última reunião apreciou um ofício da Delegação Confederat da missão desempenhada por um delegado desta Comissão no Porto. Sobre este assunto o mesmo delegado expôs os trabalhos desenvolvidos, verificando-se a firme vontade da organização do norte em trabalhar de acordo com esta Comissão, prorobustecimento da organização confederal.

Foi apreciada a situação dos mineiros de Aljustrel, obrigados pela empresa a trabalhar 10 e 12 horas enquanto por outro lado vai despedindo centenas de operários.

Sobre as resoluções tomadas por esta Comissão, foi resolvido oficiar ao Sindicato Mineiro de Aljustrel.

Tomou-se conhecimento duma exposição dos trabalhadores rurais, em face da calamitosa situação que atravessa. Ponderado o assunto, foi resolvido oficiar à Comissão Nacional de Estudos e Defesa dos Trabalhadores Rurais.

Foi apreciada, ainda, correspondência da A. I. T. sobre o próximo Congresso Internacional a realizar em Madrid, no próximo mês de Novembro.

### Sessões magnas

**Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa.** — Secção Profissional dos Pintores. — Com grande concorrência de camaradas, associados e não associados, efectuou-se no dia 22 do passado mês, pelas 21 horas, uma sessão magna, na qual foi apreciada uma circular para ser enviada aos mestres e empreiteiros de Pintura. Nela se reclama a quantia de 24\$00 por dia como base de uniformidade de salários, para conseguimento dum salário mínimo em harmonia com o custo da vida.

Depois da leitura do documento, e após o Presidente ter elucidado a assembleia dos fins para que a reunião foi convocada, foi dada a palavra ao secretário geral do Sindicato, que se expriou em considerações sobre a justiça da reclamação formulada, pois que não faria sentido que, estando todos os gêneros mais necessários à nossa alimentação subindo constantemente, os salários, em vez de acompanharem essa alta de preços, continuem estacionários, ou ainda, com tendências de baixarem por motivo da crise que a indústria atravessa presentemente. Fez sentir a disparidade de ordenados de mestre para mestre, o que classifica de uma flagrante injustiça. Um profissional de qualquer ramo de indústria não pode estar nessa contingência, motivo porque a Federação da Indústria e o Sindicato iniciaram esta reclamação que deve ser apoiada por todos os camaradas da Construção Civil. Apela, ainda, para os camaradas que não sejam sócios da respectiva secção, afim de ingressarem na mesma para lhe darem a força necessária para poder resolver os problemas que lhe estão entregues. Sem o apoio da massa trabalhadora não se podem solucionar os problemas que a ela interessam.

E dada, em seguida, a palavra ao camarada José Miranda, que, numa desenvolvida exposição de factos, salienta o que tem sido a acção dispendida pelo Sindicato no sentido de conseguir melhorias para os componentes da Indústria, salientando o facto de que se o organismo não estivesse alerta, era possível que em vez de trabalharmos, presentemente, apenas 8 horas, tivessemos de trabalhar 10 ou 12, como foi sempre vontade daqueles que vivem do nosso suor, e não nos querem reconhecer o direito de existência.

Em seguida, é dada a palavra a Francisco de Campos Pinho, que diz concordar plenamente com a circular apresentada, bem como com as palavras produzidas pelos camaradas Coelho e Miranda.

A sessão foi encerrada depois de aprovada a circular. Inscreram-se muitos operários como sócios da secção.

**Secção Profissional dos Carpinteiros.** — Com bastante concorrência, também, se realizou em 23 de Setembro, pelas 21 horas, uma sessão magna, nesta secção.

Pelo camarada Presidente, em poucas palavras, foi revelado o fim daquela reunião. Lida a circular da Federação da Indústria, na qual é salientada a acção que a mesma pretende levar a efeito, não só em Lisboa como em todo o país, e apreciado outro expediente, o camarada Alberto Dias, como membro da Comissão de Estudos, comece por dizer que, na última assembleia geral da Classe, foi nomeado conjuntamente com mais outros camaradas para estudarem o assunto «salário mínimo», devendo trazer a esta reunião os resultados desse estudo.

Isso não é necessário, porque esses resultados estão consubstanciados na circular que se acaba de ouvir ler. Devo declarar que ainda não é tudo o que devíamos reclamar dos nossos exploradores. A vida financeira dos trabalhadores, mesmo que a sua família seja composta de casal e dois filhos, é uma verdadeira tragédia. Os salários que se afiguram a nada chegam, quando se enfrenta o custo da vida. E isto é apenas numa família de 4 pessoas. Nas casas onde a família é de 6 ou 7 pessoas, a desgraça avoluma-se. Vistas bem as coisas o que agora exigimos não é demais em relação ao que de direito nos pertence.

E dada a palavra ao camarada Alfredo Lopes, secretário geral da Federação, que diz congratular-se com a assistência, por quanto não sendo aquilo que devia ser, é alguma coisa em face da indiferença da maioria dos camaradas daquela indústria. Cita vários trabalhos levados à prática pela Federação, que sempre se tem preocupado com o desenvolvimento orgânico dos sindicatos, tendo-lhe dado sempre todo o seu apoio moral, sendo agradável verificar que as secções profissionais do Sindicato, de que também é componente, souberam compreender o momento que passa. Todas se têm movimentado, o que demonstra a boa vontade que existe em ver o Sindicato no nível em que esteve anteriormente. Expraia-se em considerações sobre os diversos aspectos da luta de classes, terminando por fazer votos para que todos os carpinteiros ingressem na sua secção profissional, para lhe dar o alento de que tanto necessita.

Segue-se no uso da palavra o camarada José Miranda, como delegado da Comissão de Estudo, que apresenta os seus pontos de vista, abordando as conquistas que o organismo tem conseguido, como sejam a isenção da contribuição industrial durante 15 anos para as propriedades que se estão construindo presentemente, assim como a diminuição do imposto ciza de 1 por cento na primeira venda de propriedades. Tudo isto, e muito mais coisas que temos reclamado da Câmara tem atraído capital à construção. Se não fôr isto, a crise que se atravessa, sendo grande, seria, então, muito maior. A longa-se em várias considerações de ordem moral, e termina por fazer votos para que todos se se associem.

Em seguida, usa da palavra o secretário do Sindicato, que diz congratular-se com o número presente de camaradas à sessão. Depois de se cingir ao assunto em discussão diz ser bom sinal a acção que presentemente o Sindicato e Federação desenvolvem, pois já vai verificando que os camaradas se interessam pelos assuntos que lhe dão respeito. Diz que se pretende já especialmente com as justas reclamações que os operários da Construção Civil, pois que para desvirtuar o movimento que estamos realizando já se começa a dizer que a construção civil vai para a greve. Ora, como nós não queremos fazer fretes seja a quem for, e para provar que presentemente não pensamos em tal, lê a cópia do ofício enviado ao sr. Governador Civil, acompanhado da circular que foi enviada aos mestres de obras. Faz mais algumas considerações e termina por dizer que o horário não é respeitado por culpa dos próprios operários que o desrespeitam em seu prejuízo e dos restantes camaradas.

Os pontos de vista contidos na circular foram aprovados.

**Secção Profissional de Serventes de Pederro e Estudador.** — Também nesta secção se realizou uma sessão magna para tratar

da uniformização dos salários. Falaram vários componentes da classe, sendo aprovada uma moção, onde se reclama, como base mínima de salário, a quantia de 19\$00 diárias. A sessão terminou no meio do maior entusiasmo.

**Secção Sindical de Palma e arredores.** — Para apreciar o movimento encetado pelo Sindicato sobre uniformidade de salários para os componentes das diversas classes da Indústria, reúne esta secção em sessão magna de todos os operários da Construção Civil, na próxima quinta-feira, 9 do corrente, pelas 21 horas.

A esta reunião assistem delegados do Sindicato e Federação.

**Secção Profissional dos Serventes.** — Com grande concorrência, realizou-se em 24 de Setembro, uma sessão magna dos componentes desta classe, para resolver sobre a acção que a Secção dos Serventes deve desenvolver, no sentido de reclamar-se das entidades que exploram a Indústria da Construção Civil, a fixação dum salário uniforme, de forma a pôr-se um travão à desenfreada exploração de que está sendo vítima a numerosa Classe dos Serventes. Sobre este importantíssimo assunto falaram os membros da Comissão, nomeada pela secção para dar o seu parecer. Apresentou essa Comissão uma desenvolvida moção, na qual salienta a situação de miséria com que luta a classe dos serventes, em virtude dos irrisórios salários que auferem, que variam de 12\$00 a 15\$00 com exceção do Conselho Técnico de Indústria onde os salários de serventes, são de 17\$50. Nos considerando seguintes, demonstra a completa impossibilidade de poder viver-se com tão irrisórios salários.

Conclui a moção por preconisar o envio dum circular a todos os construtores civis e mestres de obras, reclamando como base mínima, para a uniformidade de salários, 19\$00 para serventes, e 16\$00 para cairos. Em seguida é pelo camarada que presidia a circular da Federação que aconselha os sindicatos sobre a acção a desenvolver no sentido da uniformidade de salários, seguindo-se no uso da palavra o delegado do Sindicato Único, vários outros camaradas e o secretário da Federação.

Todos os oradores se referiram largamente à importância da reclamação a formular por quanto a actual situação é de todo insustentável, sendo feita a apologia da organização sindical operária, salientando-se a necessidade de todos os trabalhadores ingressarem nos seus sindicatos, pois que só assim poderão conquistar uma melhor situação do que aquela em que presentemente vivem.

Foi elucidada a assistência sobre os trabalhos realizados pela Federação e Sindicato Único, no sentido do atenuamento da crise de trabalho e defesa do horário, congratulando-se a assistência com os resultados obtidos.

### Comunicados

**Sindicato do Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante Portuguesa — Lisboa.** — Reuniu a assembleia geral desta classe, tendo ventilado diversos assuntos de interesse geral, especialmente as «démarches» que tem realizado junto do director da Companhia Nacional de Navegação para admissão do pessoal associado. Foi resolvido dar plenos poderes ao delegado e comissão que trata do assunto, para poder prosseguir nas «démarches» da maneira mais em harmonia com os interesses da classe.

**Sindicato dos Manufactores de Calçado.** — Para continuação dos trabalhos, reúne hoje esta classe em assembleia geral, pelas 21 horas.

**Sindicato dos Encadernadores e Anexos.** — Reuniu a Comissão Administrativa juntamente com um delegado da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares que apreciou o estado em que se encontra a classe, resolvendo iniciar trabalhos tendentes a interessar a classe não associada, na vida do Sindicato.

Os operários litógrafos sabem o que querem. Necessitam apenas de voltar a ter a vitalidade, que pouco a pouco se extinguiu.

Alguém, nas colunas do órgão operário, veio pôr em confronto, e muito bem, o desagregamento que se verifica nas fileiras dos operários da indústria litográfica. Observa-se um declínio acentuado para o comodismo, o que se me afigura ser o suficiente para merecer atenção, parecendo que os operários litógrafos perderam aquela homogeneidade que faz com que os indivíduos dum momento para o outro se reúnem e lutem. Contudo se procedermos a uma conscientiosa observação dos factos, verifica-se logo, que as causas do abandono sindical estão na razão directa da acção dos militantes, para com a massa, e não desta para com estes.

Apenas há portanto necessidade de chamar a atenção das fileiras sindicais dos componentes da classe, devendo esta acção ser acompanhada dum trabalho mais continuado dentro da colectividade.

Parece-me que a crise é mais interna do que externa, sendo notório que os camaradas, poucos na verdade, que ainda se conservam à frente do organismo, por motivos vários não têm dado uma vida regular ao sindicato, não dando há mais de 3 anos assembleias.

Por consequência embora seja duma acertada medida a propaganda oficial, devemos, como preparativo de reorganização, partir do chamamento de militantes à actividade do sindicato.

Sabido é que a classe litográfica de Lisboa marcou, e há de continuar a marcar na organização operária. No entanto é conveniente olhar-se um pouco para trás e ver que alguns militantes, porfiradas que se encontram ainda abertas, causadas pelo fenômeno psicológico que se atravessa, não se encontram no seu lugar.

Esses camaradas não têm o direito de permanecer na sua atitude, porque as responsabilidades das afirmações passadas ainda se ouvem dentro dos lugares de trabalho. O seu posto é na actividade sindical, trabalhando por um futuro melhor para a classe litográfica. Eis porque eu alvitra para que a direcção da Associação dos Litógrafos e Anexos de Lisboa convoque antes de tudo uma reunião de militantes, onde os problemas da actualidade sejam ventilados. Temos de facto uma grande tarefa externa a executar, e mais do que nunca de uma complexidade que é de molde a exigir uma atenção cuidada.

Um operário litógrafo da região do sul.

### NO MEXICO

**Liberado Rivera apareceu. Um grupo feminino que se organiza**

Informou o jornal *La Protesta* que Liberado Rivera, o velho e tenaz militante anarquista mexicano, encanecido na luta pela liberdade e justiça, depois de ter sido sequestrado pelos sicários, que tão despoticamente governam aquele país, e passado grandes perigos penitenciais, se encontra outra vez na cidade do México.

Todos os que se interessavam pela sorte de Liberado Rivera ficaram mais tranquilos ao receber tal notícia.

\* \* \*

Constituiu-se em Vila Cecilia, Tamps, México um grupo feminino libertário intitulado «Margaride Ortega», que se propõe trabalhar pela educação do seu sexo, para que as mulheres participem directamente na luta que a classe deserdada sustenta com as cartas parasitárias.

O grupo resolveu também fazer um apelo a todas as mães, filhas, noivas e esposas, para que protestem contra o procedimento do governador do distrito Norte da Baixa Califórnia que deportou para as «Ilhas Marias» 19 trabalhadores, acompanhado de suas mulheres e filhos.